

DICIONÁRIO TEMÁTICO DE PATRIMÔNIO



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

MARCELO KNOBEL

Coordenadora Geral da Universidade

TERESA DIB ZAMBON ATVARIS



Conselho Editorial

Presidente

MÁRCIA ABREU

ANA CAROLINA DE MOURA DELFIM MACIEL – EUCLIDES DE MESQUITA NETO

MÁRCIO BARRETO – MARCOS STEFANI

MARIA INÊS PETRUCCI ROSA – OSVALDO NOVAIS DE OLIVEIRA JR.

RODRIGO LANNA FRANCO DA SILVEIRA – VERA NISAKA SOLFERINI

ALINE CARVALHO
CRISTINA MENEGUELLO

Organização

*Dicionário temático
de patrimônio*

Debates contemporâneos

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO
Bibliotecária: Maria Lúcia Nery Dutra de Castro – CRB-8ª / 1724

D549 Dicionário temático de patrimônio: debates contemporâneos / organização: Aline Carvalho e Cristina Meneguello. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2020.

1. Patrimônio cultural – Brasil – Dicionários. I. Carvalho, Aline Vieira de. II. Meneguello, Cristina.

ISBN 978-65-86253-27-6

CDD – 363.69098103

Copyright © Aline Carvalho
Cristina Meneguello
Copyright © 2020 by Editora da Unicamp

As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade do(s) autor(es) e não necessariamente refletem a visão da Editora da Unicamp.

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização,
por escrito, dos detentores dos direitos.

Printed in Brazil.
Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados à
Editora da Unicamp
Rua Sérgio Buarque de Holanda, 421 – 3º andar
Campus Unicamp
CEP 13083-859 – Campinas – SP – Brasil
Tel.: (19) 3521-7718 / 7728
www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br

*Dedicamos esta obra àqueles que encontram no
patrimônio uma forma de resistência.*

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a todos os autores dos verbetes reunidos neste dicionário. Eles aceitaram o desafio de produzir textos com reflexões pioneiras, linguagem acessível e concisa, com bibliografia atualizada, sobre temas do patrimônio. Aos nossos colegas de departamento e de núcleo de pesquisa agradecemos pelo incentivo à publicação da obra. Agradecemos aos nossos alunos de graduação e pós-graduação que nos sinalizaram a pertinência de um dicionário sobre o patrimônio. Aos colegas da Editora da Unicamp agradecemos pela materialização deste projeto. Por fim, agradecemos a todos os que lutam pelo patrimônio como um caminho para a defesa de uma sociedade mais justa e plural.

“Imprimir forma a uma duração é uma exigência da beleza, mas é também uma exigência da memória. Pois aquilo que não tem forma é inalcançável, imemorable.”

Milan Kundera

SUMÁRIO

PREFÁCIO	15
APRESENTAÇÃO	23

PARTE I – DEFINIÇÕES

1. PAISAGEM CULTURAL	31
2. PATRIMÔNIO ARQUEOLÓGICO.....	35
3. PATRIMÔNIO ARQUITETÔNICO	39
4. PATRIMÔNIO E A CONSTITUIÇÃO DE 1988	43
5. PATRIMÔNIO E ACERVOS	47
6. PATRIMÔNIO E CENTROS HISTÓRICOS	51
7. PATRIMÔNIO E CIDADE	55
8. PATRIMÔNIO E DIREITO	59
9. PATRIMÔNIO E EDUCAÇÃO PATRIMONIAL	63
10. PATRIMÔNIO E RESTAURAÇÃO	67
11. PATRIMÔNIO IMATERIAL	71
12. PATRIMÔNIO NATURAL	75
13. PATRIMÔNIO RELIGIOSO	79
14. PATRIMÔNIO RURAL	83
15. POLÍTICAS PÚBLICAS E PATRIMÔNIO CULTURAL	87
16. SPHAN/IPHAN.....	91

17. TURISMO E PATRIMÔNIO	95
18. UNESCO/ICOMOS	101

PARTE II – NOVOS PATRIMÔNIOS, NOVAS QUESTÕES

1. ANTROPOCENO E PATRIMÔNIO	109
2. ARQUIVOS DO PATRIMÔNIO	113
3. CULTURA VISUAL E PATRIMÔNIO	117
4. ITINERÁRIOS, ROTAS E ROTEIROS EM PATRIMÔNIO	123
5. LITORAL E PATRIMÔNIO	127
6. MULHERES E PATRIMÔNIO	131
7. PATRIMÔNIO AUDIOVISUAL	135
8. PATRIMÔNIO CULTURAL DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA (PCC&T)	139
9. PATRIMÔNIO CULTURAL FUNERÁRIO	145
10. PATRIMÔNIO CULTURAL LGBT	151
11. PATRIMÔNIO DA DITADURA	155
12. PATRIMÔNIO DA MIGRAÇÃO E DA IMIGRAÇÃO	159
13. PATRIMÔNIO DIGITAL E MEMÓRIA NA INTERNET	165
14. PATRIMÔNIO DO MODERNO	169
15. PATRIMÔNIO DOS PARQUES E DOS JARDINS	173
16. PATRIMÔNIO E CULTURA POPULAR	177
17. PATRIMÔNIO E FESTAS RELIGIOSAS	181
18. PATRIMÔNIO E OBJETOS DO COTIDIANO	185
19. PATRIMÔNIO E OFÍCIOS	189
20. PATRIMÔNIO E RELAÇÕES INTERNACIONAIS	193

21. PATRIMÔNIO E TURISMO RELIGIOSO.....	197
22. PATRIMÔNIO E VANDALISMO	201
23. PATRIMÔNIO EDUCATIVO	205
24. PATRIMÔNIO FERROVIÁRIO.....	211
25. PATRIMÔNIO GENÉTICO	215
26. PATRIMÔNIO GEOLÓGICO	219
27. PATRIMÔNIO HOSPITALAR.....	223
28. PATRIMÔNIO INDÍGENA.....	229
29. PATRIMÔNIO INDUSTRIAL	233
30. PATRIMÔNIO PRISIONAL.....	237
31. PATRIMÔNIOS AFRO-BRASILEIROS	241
32. PATRIMÔNIOS DIFÍCEIS (SOMBRIOS)	245
SOBRE OS AUTORES	249

PREFÁCIO

Tereza Paes

O que é patrimônio cultural? Quais são as suas referências básicas? Quais questões, segmentações ou tipologias ele desperta hoje? Qual o papel da dimensão e das narrativas da cultura? Agora, o leitor interessado no tema terá, neste *Dicionário temático de patrimônio: Debates contemporâneos*, um precioso guia. Aline Carvalho e Cristina Meneguello, duas historiadoras reconhecidas e estudiosas do tema patrimônio cultural, organizaram nesta coletânea uma síntese de verbetes e referências bibliográficas fundamentais, trazendo ricas contribuições de 61 autores brasileiros, de diferentes áreas disciplinares, todos dedicados às mais variadas tipologias e dimensões do patrimônio cultural. Tais autores, com produção científica, divulgação acadêmica e atuação em órgãos e conselhos de preservação do patrimônio cultural no Brasil, orientam, na Parte I – “Definições”, do seu lugar de fala, a nossa compreensão sobre a memória, a natureza, os acervos, a educação patrimonial, os diferentes tipos de patrimônio material e imaterial, as políticas e os instrumentos que os constituem, o turismo que o ilumina e o consome, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) e o Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (Icomos).

Na Parte II, outros especialistas ampliam as definições para acolher “Novos patrimônios, novas questões”, retratando o espraiamento de temas e áreas que vieram contribuir com o debate contemporâneo no campo patrimonial. Às referências mais bem assentadas e vinculadas à preservação patrimonial, tais como o patrimônio industrial, ferroviário,

parques e jardins, entre outros, somam-se novos adjetivos que ressignificam o patrimônio cultural, tais como o antropoceno, o funerário, o prisional, LGBT, patrimônios difíceis (sombrios), turismo religioso, vandalismo, entre outras temáticas que, hoje, atualizam a memória e os bens patrimoniais para os usos sociais do presente.

A demanda colocada para os autores dos verbetes, tal como apresentada pelas organizadoras do *Dicionário...*, para que redigissem “sem referências bibliográficas”, só poderia mesmo ser feita a autores que já possuíssem uma trajetória de pesquisa e/ou atuação nos órgãos de preservação; assim, embora sejam definições sintéticas, os verbetes foram elaborados a partir de extensas trajetórias de pesquisa e reflexão desses renomados autores.

Nessas inúmeras trajetórias de pesquisa, estamos sempre tentando capturar o instante mágico de compreensão do mundo, a partir do qual o todo, a totalidade, e também o olhar do sujeito serão iluminados. Ilusão sempre recorrente, descobrimos pistas importantes por esse caminho e, quando somamos todos os nossos olhares diferenciados no tempo, no espaço e nas relações funcionais – embora redutoras – de causa e efeito, alguma compreensão mais lúcida nos conforta.

Dessa forma, entre *insights* de totalidade e descobertas de ferramentas conceituais mais eficazes, é possível construir a nossa interpretação coletiva do mundo. A missão de tais cientistas é a de intérpretes dessa realidade aparentemente caótica desenrolada na história geográfica da sociedade. Não é possível seguir aleatoriamente nessa jornada. Como bem afirmou Geertz: “O ecletismo é uma autofrustração, não porque haja somente uma direção a percorrer com proveito, mas porque há muitas: é necessário escolher”.¹ E aqui o leitor terá inúmeras pistas a partir das quais poderá escolher a sua lente para interpretar o patrimônio cultural no período contemporâneo.

No caminho intelectual e acadêmico, escolhemos teorias, ferramentas conceituais e analíticas, categorias e recortes temáticos, sempre na melhor orientação do nosso olhar – ou de nossa lente disciplinar. A construção

¹ Geertz, 1989, p. 15.

do nosso caminho interpretativo se faz, sobretudo, a partir do objeto que priorizamos olhar – já que, diferentemente dos filósofos e da filosofia, a divisão disciplinar do conhecimento nos impôs objetos específicos para aprofundarmos o nosso olhar sobre eles – e requer assumirmos a existência de uma multiplicidade de ferramentas, as escolhas necessárias, metódica e/ou inconscientemente e o trabalho persistente da curiosidade criativa, de modo a decifrarmos a “hierarquia estratificada de estruturas significantes”.²

Ao construirmos um olhar sobre a cultura, confrontamos as nossas complexas estruturas conceituais às do nosso objeto investigado, criado por uma multiplicidade de sujeitos que o constituem. Somos os tradutores de um mundo que vai sendo recriado, inclusive por nossas traduções – um valor a mais agregado a este dicionário que aqui se apresenta. É à nossa interpretação rigorosa que cabe o papel de elucidar a importância da ação cultural nas teias de significados que mantêm estruturas sociais.

A cultura é uma dimensão da vida que, por sua própria natureza, identidade e estrutura, está contida em todas as outras dimensões da vida social, tal como a economia, a política, o tempo, o espaço... É culturalmente, com nossas estruturas simbólicas, que constituímos e exercitamos a economia, a política e nossas relações com a natureza, com a tecnologia, com o espaço, com o tempo. Sahlins já apontava que “as culturas são ordens de significados de pessoas e coisas”,³ afirmando a existência de uma razão simbólica em coexistência dialética ante a razão prática. É dessa forma que ele nos revela, ainda nos anos 1970 – quando a dimensão da cultura ocupava um lugar ainda mais marginal diante da dimensão econômica –, que mesmo a materialidade do capitalismo – e eu diria, hoje, sobretudo a dimensão do capitalismo – é uma forma de simbolizar.

² *Idem*, p. 17.

³ Sahlins, 2003, p. 63.

Para ele:

as chamadas causas materiais devem ser, enquanto tais, o produto de um sistema simbólico cujo caráter cabe a nós investigar, pois sem a mediação desse esquema cultural nenhuma relação adequada entre uma dada condição material e uma determinada forma cultural pode ser especificada.⁴

Desse modo, cabe a nós decifrar nas práticas sociais as ordens material e simbólica que fundamentam tais práticas e de que modo estas estão contidas nos discursos, nos códigos sociais, nos bens culturais, nas memórias eleitas e na produção do espaço. Diante da importância da compreensão das mediações travadas pela dimensão cultural, em sua diversidade de processos e práticas, elucidar as tendências das mudanças culturais manifestadas nos processos contemporâneos, como revelam os verbetes deste dicionário, é tarefa fundamental.

Nessa caminhada, a contribuição desta publicação alinhava estruturas conceituais explicativas de determinadas ações coletivas e discursos sociais que se tornaram oficiais, elucidando sistemas de análise que, no limite, servirão como ferramentas para outras interpretações de outras ações e discursos, já como categorias mais robustas para tal empreendimento.

Quanto mais sistemas explicativos construirmos – lógicos, claros, coerentes, com rigor –, mais próximos estaremos de desmistificar a realidade. Quanto mais soubermos circular entre as estruturas rígidas da economia, da política, dos dogmatismos conceitual e teórico e das estruturas simbólicas que permeiam cada uma das esferas da ação social, melhor faremos o nosso trabalho de interpretadores do mundo social, histórico, geográfico, político, econômico...

No campo da cultura e, mais particularmente aqui, no campo da patrimonialização, a reprodução da ordem se dá por meio das ideologias oficiais, no caso, pelos aparelhos do Estado e pelas representações sociais, as escolhas estéticas, os valores atribuídos aos bens – seja na esfera do

⁴ *Idem, ibidem.*

consumo ou da atribuição do valor simbólico dos bens culturais. Contudo, a emancipação social ou de transcendência dos sujeitos deve buscar a autonomia da ação social diante das estruturas previamente instaladas, e aqui é importante observar de que modo o campo do patrimônio se revela dos dois lados.

As contribuições apresentadas aqui revelam “espíritos livres” que observam com rigor as normas impostas da autoridade. E, como salienta Dyson, “a ciência floresce melhor quando usa livremente todas as ferramentas disponíveis, desimpedida de noções preconcebidas sobre o que ela deveria ser”.⁵

De outra perspectiva, mas refletindo o mesmo contexto de caráter dialético, Boaventura de Souza Santos afirma:

as sociedades são a imagem que têm de si vistas nos espelhos que constroem para reproduzir as identificações dominantes num dado momento histórico. São os espelhos que, ao criar sistemas e práticas de semelhança, correspondência e identidade, asseguram as rotinas que sustentam a vida em sociedade.⁶

Assim, situar a importância econômica do patrimônio a partir dos anos 1990 é um fato, mas reduzir a interpretação da cultura a sua apropriação pelo mercado, ou simplificação da cultura enquanto *commodity*, implica uma redução interpretativa. Esse olhar é importante para compreender os novos modos de operar do capital na segunda metade do século XX, mas é também uma racionalização que pode nos distanciar da interpretação do acontecimento em seu contexto mais amplo.⁷ A análise dos sujeitos com o poder político de legitimar discursos, conceitos, valores, significados e normas, nos quais pessoas, relações e coisas se manifestam como produtores da realidade social, é chave explicativa fundamental para a interpretação da cultura tornada patrimônio, chave que o leitor encontrará neste dicionário.

⁵ Dyson, 2009, p. 166.

⁶ Santos, 2000, p. 46.

⁷ Morin, 1986.

Nesse sentido, a dimensão cultural abre uma possibilidade categorial e temática que contempla e amplia as lentes das ciências sociais. Por isso, como afirma Morin, é necessário “considerar a cultura como um sistema que faz comunicar – em forma dialética – uma experiência existencial e um saber constituído”.⁸

É com essa concepção que os verbetes aqui apresentados alinhavam os recortes temáticos que vão se sucedendo, por vezes se ajustando ou sobrepondo, dando continuidade às reflexões sobre os sujeitos e as ações no campo patrimonial que articula temáticas, conceitos, instituições e narrativas associadas.

Algumas definições de patrimônio apresentadas aqui, por vezes, poderiam ser agrupadas por associação, pois encontram sobreposições conceituais, históricas, de propósito ou mesmo de gestão, tais como paisagem cultural e patrimônio natural; políticas públicas, Sphan/Iphan, Unesco/Icomos, direito, Constituição de 1988; patrimônio arquitetônico, centros históricos e cidade, entre outros conjuntos ou configurações possíveis para a leitura dos verbetes.

Contudo, a própria construção da sequência dos verbetes é dialógica, são diferentes perspectivas na forma de olhar para todos esses temas que o patrimônio cultural, como fato social que é, desperta. Como em *O jogo da amarelinha*, de Julio Cortázar (1963), ou em *Avalovara* (1973), de Osman Lins, este dicionário dá ao leitor a liberdade para a forma de composição do seu caminho interpretativo. Ao ler um verbete, é possível se desprender de uma leitura linear e seguir as indicações associadas a outros verbetes, dentro do próprio texto, e ir seguindo de verbete em verbete até que a construção desse conhecimento específico, aparentemente apresentado em partes, se complete.

Assim, o leitor poderá seguir seu próprio caminho na absorção desse conhecimento. Entre as trilhas da história do patrimônio e suas geografias, ou em sua estrutura política, amparada por sujeitos da elite do patrimônio arquitetônico, ou nas políticas necessárias de reparação sociocultural,

⁸ *Idem*, p. 77.